

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HERVÉ GUIBERT E ROLAND BARTHES: OS FANTASMAS DO ÍNTIMO
6 e 10 de outubro de 2023

UN BEAU SOLEIL INTÉRIEUR / 2017

um filme de Claire Denis

Realização: Claire Denis / Argumento: Christine Angot e Claire Denis, com base em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* de Roland Barthes / Direção de fotografia: Agnès Godard / Som: Jean-Paul Mugel / Montagem: Guy Lecorne / Guarda-roupa: Judy Shrewsbury / Direção de arte: Arnaud de Moleron / Música: Stuart Staples juntamente com o quarteto Julian Siegel / Assistência de realização: Joseph Rapp / Anotação: Zoé Zurstrassen / Com: Juliette Binoche (Isabelle), Xavier Beauvois (Vincent Briot, o banqueiro), Nicolas Duvauchelle (o ator), Philippe Katerine (Mathieu), Josiane Balasko (Maxime), Sandrine Dumas (Ariane), Alex Descas (Marc, o galerista), Laurent Grévill (François, o ex-marido), Gérard Depardieu (o vidente), Valeria Bruni Tedeschi (a mulher do vidente), Paul Blain (Sylvain, o dançarino), Claire Tran, Bruno Podalydès, Bertrand Bungalat, Charles Pépin, Tania de Montaigne.

Produção: Olivier Delbosc / Produção associada: Emilien Bignon, Jacques-Henri Bronckart, Olivier Bronckart, Philippe Logie / Empresas produtoras: Curiosa Films, FD Production, Playtime, Ad Vitam Production, Versus Production / Cópia: em DCP, colorida, falada em francês e legendada em português / Duração: 94 minutos / Primeira apresentação pública: 18 de maio de 2013, Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes / Estreia comercial em Portugal: 21 de dezembro de 2017, com o título “O Meu Belo Sol Interior” / Primeira exibição na Cinemateca.

Un beau soleil interieur é, logo a começar pelo título, uma estranha paródia. Donde poderá vir tal expressão? Na sequência que tudo clarifica e tudo literaliza, a cena final, a protagonista Isabelle (Juliette Binoche) encontra-se com um vidente/*coach emocional* (Gérard Depardieu) que na vagueza das suas palavras desencanta a expressão que intitula o filme – nesse tom poético-aforístico à *la* Paulo Coelho que se tornou o linguajar padrão dos *influencers*. Uma conversa que tudo diz para quem nela queira ouvir o que deseja – e que se prolonga infinitamente, ainda que nada de interessante ou profundo se oiça (não por acaso correm os créditos sobre essas palavras – o próprio filme é lhes indiferente). Claire Denis parece ter querido fazer com **Un beau soleil interieur** uma variação sobre a comédia romântica como mandam as regras da fórmula (seguindo o esquema dramático e o arco narrativo de filmes como **Bridget Jones's Diary**, em modo “meiidade”), mas sendo Claire Denis a realizar, essa vontade falha redondamente, ou melhor, frustra sucessivamente as expectativas do subgénero, não fosse este um filme sobre a frustração amorosa. E é nessa “falha”, nesse intervalo entre o formuláico do *rom-com* e as marcas do seu cinema, seco e ríspido, que surge um filme estranhíssimo – prenúncio do que estaria para vir, uma guinada improvável no trabalho da realizadora que logo depois assinaria um filosófico *sci-fi* psicosexual, **High Life**, e uma revisitação tântrica do passado colonial, **Stars at Noon**, abrindo os seus filmes ao sexo e aos atores norte-americanos, em particular a Robert Pattinson.

Mas, antes de mais, regresse-se ao título e às suas traduções. Em português incluiu-se um pronome possessivo e o filme ficou a chamar-se **O Meu Belo Sol Interior** – recentrando os dilemas amorosos na individualidade da personagem (“é preciso estar *open*”). Já em inglês a opção passou por titular o filme de **Let the Sunshine In** (numa improvável referência à famosa canção dos The Fifth Dimension, *Aquarius*). A escolha do título para o mercado anglo-saxónico pauta-se por uma ironia que de tão fina corre o risco de não ser compreendida – e foi o que aconteceu. Grande parte da crítica, especialmente americana, levou à letra as agruras românticas de Isabelle e entendeu o filme como um melodrama sóbrio sobre o amor depois dos 50 – houve quem aqui visse o mais “sentido”

dos filmes da realizadora. É certo que em **Un beau soleil interieur** se intuem alguns dos tropismos típicos da contemporaneidade, em particular o cinismo autoparódico, pelo que há uma certa ambiguidade que perpassa as situações e as personagens, mas é impossível – apesar da dedicação caricatural de Binoche – não nos desmancharmos a rir no desenlace, com o monólogo de Depardieu.

Nesse sentido, o filme é um melodrama que nunca chega a sê-lo, uma comédia que nunca dá exatamente para rir, uma paródia que se leva meio a sério. A estrutura episódica abre-se a uma plêiade de personagens-tipo, os vários homens com que ela se cruza, e cada um deles expõe um qualquer lugar-comum sobre o sexo, o desejo, o engate, a fragilidade masculina, os preconceitos de classe, entre outros – incluindo os anti-clichés que são, igualmente, banais e redundantes. Numa cena particularmente reveladora Isabelle insurge-se perante o ex-marido que subitamente, durante o sexo, reproduz um gesto da pornografia, acusando-o: “esse gesto não te é natural, estás a observar-te a fazê-lo, viste-o em qualquer lado e estás agora a repeti-lo”.

Só que todas as personagens em **Un beau soleil interieur** reproduzem imagens, situações, gestos e opiniões: elas são figuras recitativas de uma série de discursos amorosos e, por isso mesmo, há qualquer coisa de filme-tese – ou de filme-anti-tese – nesta revistação dos mecanismos linguísticos e *performativos* da paixão. Como se, no fim, Claire Denis pretendesse afirmar que já não há espaço nem para o discurso (um dos encontros só acontece quando eles finalmente se calam), nem para a perseverança do discurso (a relação com o banqueiro), nem já mesmo para a pura fisicalidade (o encontro com o dançarino da discoteca de província) – que todo o discurso amoroso foi tomado de assalto pelo imaginário romântico (foi a própria realizadora que afirmou “o amor transformou-se numa banalidade sórdida, num lamentável fiasco entre corpos”).

Essa dimensão “teórica” que invade as personagens resulta do facto de **Un beau soleil interieur** ser uma adaptação muito livre – doutra forma não poderia sê-lo – de *Fragments d'un discours amoureux*, de Roland Barthes. A vontade de transformar o texto de Barthes num filme era, segundo a própria realizadora, uma ideia que vinha desenvolvendo há bastante tempo, mas foi apenas com o início da colaboração com a dramaturga Christine Angot que esse desejo ganhou uma forma narrativa – a experiência terá sido tão boa que Denis filmou, pouco depois, um romance da escritora, adaptado pela própria, no filme **Avec amour et acharnement**. Nesse sentido, o filme transporta a qualidade acumulativa e fragmentária do livro que reúne dezenas de passagens de textos literários, dramáticos, poético e filosóficos entretecidos pelo próprio pensamento barthesiano. Assim, a personagem de Binoche reflete, em certa medida, a posição do leitor que é, a cada parágrafo do ensaio de Barthes, atirado para os braços doutro escritor. Se a personagem de Isabelle pode ser descrita como um catavento amoroso, isso deve-se à natureza poliédrica e promíscua das referências de Barthes, que tudo faz convergir nessa orgia literária que é *Fragments*.

Un beau soleil interieur será, portanto, a afirmação triste (e até nostálgica) de um impasse, de uma tensão entre o desejo (carnal) e o imaginário (discursivo). Ou, como diz a certa altura uma amiga de Isabelle, numa curiosa e divertida conversa de casa de banho, “há sempre algo de verdadeiro por trás do *fantasm*”, sendo que aqui a ambiguidade entre o sentido da palavra (em francês tanto pode referir-se a fantasma como a fantasia sexual) transforma em spectral a fisicalidade do sexo. Esse confronto entre a palavra e a carne é tanto mais doloroso quando se esperaria que a meia-idade das várias personagens, a classe, os conhecimentos e as sensibilidades (artísticas) trariam consigo uma maturidade qualquer ou, pelo menos, um pragmatismo desiludido. Longe disso. A adolescência vigora, *ad aeternum*, como espécie de condenação perversa dos românticos.